

Pressão máxima

• Na sombra, líderes e operadores do governo admitem que a CPI da Corrupção tornou-se um risco real e que estão jogando tudo. Sob as luzes, declaram cheios de si que as adesões foram estancadas. Se tal certeza existisse, não estaria o presidente se expondo tanto na operação de barganha, chegando a receber um emblema do pragmatismo, como o líder do PL, Waldemar Costa Neto.

Não é ele o único congressista a negociar com o governo depois das dificuldades criadas pela crise na base aliada. Nem foram os congressistas que primeiro bateram no balcão. Já na semana passada, FH tomou a iniciativa de ligar para senadores propensos a assinar o requerimento. Mas Waldemar é um símbolo da prática que FH no passado sempre condenou: a barganha. Depois do encontro, o PL adiou a decisão de aderir em bloco à CPI. Parece estar faltando ao presidente o anteparo que poupe de tais desgastes.

FH ligou para os líderes dos pedindo uma avaliação. No Senado, José Roberto Arruda garantiu que as adesões bateram no teto, não passam das 25. Duas a menos que o necessário, folga estreita. Na Câmara, Ju-

tahy Magalhães, do PSDB, não receia dizer que há risco, embora garanta que em sua bancada não há um só rebelde. O risco não vem de qualquer pressão externa, diz ele, mas das contradições internas da base aliada. Geddel Vieira Lima (PMDB) e Inocêncio Oliveira "estão firmes", mas o mesmo não podem dizer de todos seus liderados. Os carlistas começam a aderir, muitos pedirão alto para não assinar. Haverá sempre aquele que não se sentirá bem atendido e, deste, tudo se pode esperar.

A pressão do governo chegou ao máximo ontem e Waldemar foi o sinal disso. Mas não se fica sabendo assim, de um dia para o outro, se as adesões bateram mesmo no teto. As oposições, que incluem ACM, ainda vão esticar mais este cabo.